

## **FORMAÇÃO POLITICA NO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE SURUBIM: UM OLHAR REFLEXIVO**

Autor: João Paulo Barbosa da Silva

*Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Centro Acadêmico do Agreste- CAA; [Joao.pbarbosa3@gmail.com](mailto:Joao.pbarbosa3@gmail.com)*

**Resumo:** O presente trabalho visando discutir o processo de formação política no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Surubim, tem por objetivo compreender como se dá o processo formativo da educação profissional conjugado com a formação política em Sindicatos de Trabalhadores Rurais. Observando como a formação política influi diretamente na educação de massas e na cooptação de forças sindicais críticas e atuantes. Os sindicatos, constituem-se em um espaço tempo de formação em que os sujeitos vão se forjando em suas práticas cotidianas, humanizando-se, lutando em conjunto por seus ideais. Nessa perspectiva, nosso objeto de estudo foram as diversas formações políticas que ocorreram ao longo da observação, momentos estes que se constituíram em espaços de formação prática onde os sujeitos iam as ruas, e de cunho teórico onde as formações ocorriam em espaços internos dos sujeitos participantes do movimento, assim lançando a luz da teoria de autores como Garcia (2000), Lage (2013), Gohn (2013), Freire (2005), Vendramini (2007). No que se refere ao nosso percurso teórico- metodológico, para a coleta de dados realizamos a entrevista semi-estruturada, a observação participante, as histórias de vida oral e ainda conversas informais, com o intuito, de obtermos as informações precisas para o nosso estudo pretendido, a qual buscamos analisar reflexivamente os diferentes espaços e contextos onde ocorriam as formações políticas, seu movimento dialético e sua influência na realidade e luta dos indivíduos. Buscando aprender com a experiência e fortalecer o aprendizado a partir do confronto entre teoria e prática, com a realidade da ação, com a criatividade optamos pela pesquisa do tipo qualitativo na perspectiva de Minayo (1994) e Lage (2013). Nossos dados apontaram que a formação política é de fundamental importância na luta do sindicato pela busca de sua autonomia e na conscientização dos sujeitos, percebendo assim como um momento de fundamental importância para este e os demais movimentos sociais. É a partir da conscientização política que os sujeitos conseguem autonomia e se constituem atores sociais críticos de seu tempo.

**Palavras-chave:** Movimentos sociais, sindicato, formação política.

### **Introdução**

O sindicato tem desempenhado diversas lutas em prol de melhorias para o campo, que visam as mudanças em dimensões amplas, indo além das perspectivas oferecidas pelo Estado, já que este órgão sindical conhece de fato o meio rural e suas especificidades. Portanto, o trabalhador sente-se contemplado a partir da valorização dos seus saberes, da sua cultura e do conhecimento popular que este possui. É nesse sentido que o sindicato busca exatamente a valorização do homem do campo e a sua humanização, sendo ele muitas vezes colocado como sujeito subalternizado e inferiorizado pela cultura hegemônica e europeia colônia, que visa a valorização do homem urbanizado, que atende aos padrões capitalistas, desumanizadores do homem e explorador da natureza como fonte de riqueza.

Este trabalho tem por objetivo compreender como se dá o processo formativo da educação profissional conjugado com a formação política em Sindicatos de Trabalhadores Rurais,

identificando como ocorre a educação profissional no âmbito do sindicalismo, analisando às práticas pedagógicas que estão inseridas na formação política dos sujeitos trabalhadores rurais e pontar os principais desafios do sindicalismo na atualidade, proporcionando uma reflexão acerca de como o sindicato dos trabalhadores rurais é importante para a luta organizada dos sujeitos do campo. Que possui em sua história de luta um contexto de negação de direitos por parte do estado, bem como um amplo histórico de luta e resistência pela democratização do acesso à terra, da luta contra as diferentes formas de opressão e por uma reforma agrária que proporcione aos sujeitos o acesso a um bem tão importante; o acesso ao trabalho com a terra. Onde a formação da consciência política é de grande importância para a emancipação dos sujeitos e para a reflexão de sua luta política, bem como da formação da consciência de classes.

### **3. Metodologia**

Buscando aprender com a experiência e fortalecer o aprendizado a partir do confronto entre teoria e prática com a realidade, da ação com a criatividade, optamos pela pesquisa do tipo qualitativo, de modo que os resultados obtidos no nosso estudo possam contribuir para ampliar o conhecimento e buscar novas compreensões acerca das questões centrais do estudo. Neste sentido, a pesquisa qualitativa: “parte de questões ou focos de interesses amplos, que se vão definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos, pelo contato direto do/a investigador/a com a situação estudada” (GODOY, 1995 apud LAGE, 2013 p.50).

Fez-se uso dessa abordagem por acreditarmos ser a mais adequada ao estudo em questão visto que a pesquisa do tipo qualitativo segundo MINAYO (1994):

Ela se preocupa nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (p.22)

Dessa forma, a pesquisa social tratar-se de um campo que está em relação direta com as pessoas, sendo estas passíveis de subjetividades, as quais não podemos reduzi-las a meros objetos passíveis de quantificação, técnicas, herança do positivismo, sendo as mesmas suscetíveis de variáveis que influenciam diretamente o processo de pesquisa e o envolvimento do pesquisador com o campo empírico.

Elencamos para a nossa pesquisa o Método do Caso Alargado defendendo que este é o mais apropriado para o estudo, pois quando se chega a uma conclusão da pesquisa, o método proporciona que se alargue os resultados obtidos, abrindo-se assim para novas implicações acerca do tema estudado. Dessa forma, o método de caso alargado:

Em vez de reduzir os casos às variáveis que os normalizam e tornam mecanicamente semelhantes, procura analisar, com o máximo de detalhe descritivo, a complexidade do caso, com vista a captar o que há nele de diferente ou de único. A riqueza do caso não está no que nele é generalizado, mas na amplitude das incidências estruturais que nele se denunciam pela multiplicidade e profundidade das interações que o constituem (SANTOS, 1983 Apud LAGE, 2013 p. 55).

O método assim se adequa ao objeto, pois a análise da problemática em questão não limitou-se apenas a apresentação da realidade imediata, e sim da grande parte das mediações que estão por trás dos aspectos político/pedagógicos do movimento social.

### **3.1. Tipo de Estudo**

O nosso exercício de pesquisa, centrou-se nos tipos de pesquisas explicativa e exploratória. Exploratória porque foi realizada sobre movimentos sociais, proporcionando-nos, um esclarecimento e compreensão, acerca dos vários aspectos do tema no movimento dos trabalhadores rurais e suas lutas sociais. E explicativa, pois procurou identificar os fatores que contribuem para ocorrência de fenômenos que afetam de forma positiva ou negativa, os processos de luta social do movimento estudado e as possibilidades de transformações sociais a partir de suas ações e de seus processos pedagógicos. Como nos indica Lakatos: “São investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou problemas (...)” outro propósito desta será, no entanto, “(...) Aumentar a familiaridade do pesquisador com o ambiente, fato ou fenômeno (...)” (LAKATOS, 2006, p.190).

### **3.2 Técnicas de Coleta**

Utilizaremos como recursos, para a coleta de dados, a entrevista semi-estruturada, a observação participante, as histórias de vida oral e ainda conversas informais, com o intuito, de obtermos as informações precisas para o nosso estudo pretendido. E para isso trazemos a perspectiva de Deslandes em relação à entrevista e os seus dois tipos, representada na obra Pesquisa Social a seguir:

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo, através dela o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa pretensiosa e neutra, uma vez que se insere no meio da coleta de fatos relatados pelos autores enquanto sujeito-objeto da pesquisa que vivenciam

uma determinada realidade que está sendo focalizada. Suas formas de realização podem ser de natureza individual e/ou coletiva. (...) em geral as entrevistas podem ser estruturadas ou não-estruturadas (...) assim, torna-se possível trabalhar com a estrutura aberta ou não-estruturada, onde o informante aborda livremente o tema proposto, bem como nas estruturadas que pressupõem perguntas formuladas. Há formas, no entanto que articulam essas duas modalidades, caracterizando-se como entrevista semi-estruturadas. (DESLANDES, 1996, p. 57).

Além das entrevistas também utilizaremos a observação participante como recurso para coleta de dados, afim de nos aproximarmos dos sujeitos do campo de maneira espontânea, com o intuito de observamos os fenômenos ocorridos no dia a dia dos indivíduos em estudo. Como nos diz o autor Neto na obra *Pesquisa Social* da organizadora Minayo:

A técnica de observação participante se realiza, através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados (NETO, 1996, p.59).

Ainda como recurso para a obtenção de informações precisas, trouxemos as conversas informais e as histórias de vida, com o objetivo de dialogarmos com os indivíduos da instituição de maneira, livre onde estes sentiram-se à vontade para expressarem suas experiências de luta, no sindicalismo rural, já que as conversas informais estão presentes no dia a dia das pessoas, ocorrendo de forma natural, nas relações humanas e sociais. Também valorizamos as histórias de vida destes indivíduos pesquisados. No sentido que é através destas, experiências individuais que demarcam tamanhos significados, que podemos analisar, dimensões amplas que envolvem uma coletividade, como cita Neto na obra *Pesquisa Social*: “esse relato fornece um material extremamente rico para análises do vivido, nele podemos encontrar o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual” (NETO, 1996, p. 59).

### **3.3.Registro do campo**

Como instrumento de anotações fizemos o uso, do diário de campo, por ser uma ferramenta capaz de nos possibilitar o registro de vários acontecimentos, através de fatos reais do cotidiano do campo empírico em destaque, além disso o mesmo serve como norte, para podemos realizar as observações e registra-las em forma documental, para revisitamos durante a análise dos dados. Já que o campo é um lugar de aprendizagens diversas e discursos importantíssimos. O diário de campo, serve como uma ferramenta capaz de nos proporcionar a compreensão e a reflexão dos significados atribuídos pelos sujeitos nos seus espaços de convívio. Como nos enfatiza Lage em sua obra *Educação e Movimentos Sociais*:

Nessa medida torna-se, imprescindível o registro das experiências por meio de diários de campo, onde deverão ser anotados em suas páginas a vivência da pesquisa e o universo que se acessou – de entrevistas à conversas informais, de sentimentos à dados quantitativos, de momentos de tensão até cânticos, marchas e encontros, indo além das observações e reflexões do pesquisador(a). (Lage, 2013, p.63).

### **Resultados e discussões**

A Formação política como ato de conscientização dos sujeitos do campo. Os sindicatos dos trabalhadores rurais junto com os movimentos sociais ganharam grande representatividade da classe oprimida, representando os trabalhadores rurais, o mesmo constitui-se como um importante meio formativo, no qual o sindicato é como destaca Garcia, em sua obra intitulada *Aprendendo com os Movimentos Sociais*: “(...) espaço/tempo de formação potencialmente capaz de mobilizar o trabalhador para a construção coletiva da escola, do sindicato, da sociedade”. (GARCIA, 2000, p.20)

Concepção essa a qual concordamos com a autora, de que os sindicatos constituem um espaço tempo de formação em que os sujeitos vão se forjando em suas práticas cotidianas, humanizando-se, lutando em conjunto por seus ideais. Ainda nesta perspectiva a autora dialoga que: “pensando a ação sindical enquanto momento e espaço de se fazer/pensar a prática política coletiva é que visualizamos suas práxis formativa” (GARCIA 2000, p. 20)

Nesta linha, dialogamos com a autora de que é a partir da luta coletiva que os sujeitos vão se tornando sujeitos políticos, e quando conscientizados é que observamos com maior ênfase a práxis formativa a qual os sindicatos estão envoltos. Assim: “No fazer coletivo os trabalhadores vão se fazendo mais humanos, mais generosos, mais solidários, pois este é o sentido profundo do trabalho, quando não é resultado da exploração” (GARCIA 2000, p.11)

Concordando com a autora que os espaços de formação política coletiva mobilizam os sujeitos em torno de uma conscientização e problematização de suas práticas cotidianas. Esses espaços que vem se constituir por exemplo como, congressos, palestras, passeatas entre outros. Importantes espaços de formação, pois é na prática cotidiana que se constituem os mais ricos espaços de formação dentro dos movimentos sociais e também do sindicalismo rural. Assim:

(...) é a partir das relações do homem com a realidade, resultante de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. vai acrescentando a ele algo que ele mesmo é o fazedor (FREIRE, 1996 Apud LAGE 2013 p.31).



Em conformidade com Freire, é na vivência cotidiana que o sujeito vai se educando se tornado mais humano. É a partir da conscientização política que os sujeitos conseguem autonomia, vão se tornando atores sociais críticos de seu tempo. Com esta formação, os indivíduos vão conseguindo se libertar do estado de alienação em que lhes foi imposta por uma sociedade marcada pelas desigualdades sociais. A educação política por assim dizer, significa libertar os indivíduos e os tornar sujeitos ativos na busca de uma democracia mais igualitária, assim “sem sujeitos sociopolíticos e críticos atuantes as mudanças sociais e culturais são muito mais difíceis e muito lentas” (GOHN, 2013, p.33), a formação política dos sujeitos desenvolve nele a conscientização frente as desigualdades e lutas pelos seus direitos ante ao panorama social que exige sujeitos atuantes.

“(…)é através do sindicato que o trabalhador toma conhecimento, principalmente dos seus direitos. Principalmente, porque isso é uma questão política a gente sabe tudo depende da política, porque sem a política também agente não chega lá onde a gente tá pensando, agente também precisa ter o apoio político” (TRABALHADOR RURAL, Heleno, diário de campo 16/07/15)

Assim a formação política dos trabalhadores do campo lhes propicia um maior conhecimento dos seus direitos, fortalecimento na luta contra a quebra da tensão existente entre o movimento de luta dos trabalhadores e o Estado que muito nega os direitos deste povo. Ainda nesta linha de pensamento Lage diz em sua obra *Educação e Movimentos Sociais* que:

As experiências de educação produzida no interior dos movimentos sociais, trazem intrínseca a concepção do aprender político, que restitui a humanização perdida pela ausência de cidadanias. (...) a educação dentro dos movimentos sociais imprime... a experiência política da luta pela conquista dos novos direitos(...) (LAGE, 2013, p.127-128).

Os sindicatos e também os vários movimentos sociais, desempenham um papel de importantes articuladores das novas formas de educação, que vem politizar os indivíduos, trazendo para seu corpo os diversos sujeitos e dialogando com eles de forma igualitária. Sendo o diálogo um instrumento, primordial na formação dos indivíduos e na luta pelos ideais que almejam, para a sociedade como destaca Freire, (2005) na sua obra *Pedagogia do Oprimido*, que o diálogo é a matriz onde os homens devem se guiar e que o ato dialógico “implica um pensar crítico”. Portanto, o diálogo coloca os diversos sujeitos em igualdade na construção das práticas cotidianas e nas discussões de sua realidade. Ninguém melhor que eles para exporem suas realidades e buscarem soluções e melhorias. Assim dentro destes organismos sociais desenvolvem-se formas de educação diversas, uma educação transformadora, em que:

As diversas ações socioeducativas que se desenvolvem no interior de movimentos sociais, cooperativas, associações, sindicatos e outras organizações sociais têm apresentado um grande grau de inovação e capacidade de mudança nos sujeitos envolvidos e no meio em que vivem (VENDRAMINI 2007, p. 132)

Dialogamos com o autor quando este traz que, os movimentos sociais e sindicatos trazem em seu corpo um sistema de educação que, induz os indivíduos a repensarem suas práticas, fazendo com que eles alarguem sua visão de mundo transformando-o. Ainda nessa linha destacamos que: “sonhar com a transformação do mundo e desejar concretamente esta transformação tornasse um ato político, quando nos empenhamos numa luta que exige vontade, criticidade e esforço cotidiano” (FREIRE, 2000 apud Lage 2013, p.17).

A educação é então, um ato político de que os sujeitos necessitam em sua formação cotidiana. Uma educação transformadora que os movimentos sociais e os vários sindicatos põem sempre em primeiro plano em suas pautas de luta. Trazendo Lage (2013) que, a educação nos movimentos sociais possui um caráter emancipador e multiplicador, por incluir em suas práticas cotidianas de formação um caráter político, de igualdades entre os indivíduos, em que os sujeitos aprendem e também transmite os conhecimentos para os diversos sujeitos de seu meio, destacando a autora que:

Quando se pensa a educação dentro dos projetos educativos dos movimentos sociais esta adquire dimensões mais amplas em busca da compreensão do mundo, de modo a contribuir para a construção de sujeitos políticos. Dentro desta pluralidade de contextos e historicidades, expandir as fronteiras convencionais dos projetos educativos até os espaços de luta, onde estão atuando os movimentos sociais, cria formas articuladas de espaços e de saberes nos quais é possível conjugar processos pedagógicos com trajetórias sociais e políticas (LAGE, 2013 p. 32).

Nessa direção a proposta dos sindicatos dos trabalhadores rurais é formar sujeitos políticos emancipados, que lutem por seus direitos.

Se fazendo presente enquanto elemento fundante de todas as práticas educativas intrínsecas aos movimentos sociais, no caso em específico ao movimentos dos trabalhadores rurais, a questão da conscientização, como forma de libertação da condição de sujeitos oprimidos, problematizando a realidade opressiva dos sujeitos para a posterior superação dialética de sua consciência, tolhida pela sociedade burguesa. Diante de tamanho cenário de fragilidade política, a função dos Sindicatos tem sido de fundamental importância para a luta em busca da transformação social, a partir da formação educacional, interligada com a visão de mundo, que cada indivíduo possui, onde é a partir da reflexão sobre o mundo e no mundo, na realidade empírica dos sujeitos que se estabelece o processo

educativo, possibilitando a reflexão sobre como os sujeitos devem orientar seu pensamento e sua ação, de modo que o sujeito ao mesmo tempo que é subjetividade também é objetividade. Concordando com Freire (2005) quando dialoga que a conscientização, se dá a partir, da transformação da realidade. Destacando em sua obra *Pedagogia do Oprimido* que:

A pedagogia do oprimido que, no fundo, é a pedagogia dos homens empenhando-se na luta por sua libertação, tem suas raízes aí. E tem que ter nos oprimidos, que se saibam ou comecem criticamente a saber-se oprimidos, um dos seus sujeitos. (...) esta é a razão pela qual, como já afirmamos, esta pedagogia não pode ser elaborada nem praticada pelos opressores. Seria uma contradição se os opressores, não só defendessem, mas praticassem uma educação libertadora (FREIRE, 2005, p.45).

A transformação da realidade dos sujeitos marginalizados, a superação da sua condição de subalterno deve ter como raiz política a transformadora sua realidade empírica, é contradição pura pensar que os opressores desenvolverão uma educação que rompa com as barreiras do consenso e subordinação política, e forme integral os sujeitos sociais. Os sindicatos vêm desempenhando um papel de grande importância na transformação da realidade educativa e social da sociedade brasileira, desenvolvendo uma educação crítica, política, forjando a partir das realidades dos sujeitos em suas lutas diárias.

### **Conclusão**

O sindicato dos trabalhadores rurais constitui-se enquanto um espaço formativo que tem em seus principais objetivos o fortalecimento da luta dos sujeitos de campo, espaços políticos que vislumbram constante luta pela conscientização dos seus sujeitos, nos espaços de suas vivências de lutas e práticas cotidianas, propiciando-lhes uma ampliação da visão social e de luta dos sujeitos, tirando-os de uma visão focalizada, para um olhar mais aguçado crítico, consciente de sua realidade. Percebendo que a educação perpassa todos os ambientes formativos e discursivos do movimento, visto que a educação é também uma prática política, por fazer com que o trabalhador problematize suas práticas e busque transformar seu meio social.

Nesse espaço de formação e mobilização social os sujeitos estão em tensão constante com o estado burguês que nega a existência social dos sujeitos do campo, no entanto a efervescência política, a trajetória militante desses sujeitos, seu histórico de vida e militância política, de força sindical, exige do estado um posicionamento outro, que reconheça esses sujeitos enquanto de direito e não mais como marginalizados. Defendemos dessa forma, que as perspectivas da educação política dos movimentos sociais perpassem as fronteiras dos seus espaços e adentre diretamente o currículo das escolas públicas brasileiras, como aspecto de transformação social e resgate da educação política, que tanto necessita a sociedade.

## Referencias

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

GARCIA, Regina Leite. **Aprendendo com os Movimentos Sociais**. Rio de Janeiro: DPEA, 2000.

GOHN, M. G. Educação Popular e Movimentos Sociais. In: Danilo R. ESTEBAN, Maria Teresa (Org.). **Educação Popular: lugar de construção social e coletiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LAGE, Allene Carvalho. **Educação e movimentos sociais: caminhos para uma pedagogia de lutas**. Recife: Universitária da UFPE, 2013.

LAKATOS, Eva M. **Fundamentos de metodologia científica** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 6. ed.- 3 reimpr. – São Paulo: Atlas, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social, teoria Método e Criatividade**. 21 edições, Petrópolis, RJ: vozes, 1994.

VENDRAMINI, R. C. **Educação e trabalho: Reflexões em torno dos Movimentos Sociais do**.